

Josefina Bakhita: santa sudanesa, milagre brasileiro. Uma análise de suas hagiografias

***Andréia Kelly Marques**

O objetivo deste trabalho é analisar um conjunto de biografias que contam a trajetória de vida de Madre Josefina Bakhita, religiosa da ordem das canossianas que nasceu no Sudão em 1869. Durante a infância, foi escravizada e, após passar por alguns donos, foi comprada pelo cônsul italiano Calixto Legnani¹. Com a revolução islâmica Mahadista², Calixto Legnani planejou voltar à Itália e Bakhita pediu para que ele a levasse a este país. Ao chegar a Veneza, Legnani presenteou um casal amigo com sua escrava Bakhita.

Segundo o relato de Bakhita, esta família a recebeu bem e ela passou a trabalhar como babá na casa deles. Por razões de trabalho, a família teve de voltar à África e instalou a filha e Bakhita no Instituto Canossiano³, onde passou a obter ensinamentos cristãos. Quando a família italiana à qual pertencia voltou à Itália para buscá-la e a levarem de volta para a África, Bakhita resolveu ficar. Esta decisão não foi aceita pela família, que recorreu ao Patriarca de Veneza. Este decidiu que Bakhita poderia ficar, já que na Itália não havia escravidão e, por isso, ela era livre para fazer sua escolha.

Após este fato, Bakhita tornou-se religiosa e viveu grande parte de sua vida na cidade italiana de Schio, lugar onde morreu em 1947.

A análise de suas biografias impressas se justifica para compreendermos como textos escritos por pessoas e instituições diferentes, para públicos diferentes, mas que objetivam contar a mesma história, se relacionam entre si e constroem uma coerência discursiva que, no fundo, tem o mesmo objetivo: transmitir ao leitor as características de Madre Josefina Bakhita a serem imitadas por seus devotos.

* Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da EFLCH/Universidade Federal de São Paulo, com pesquisa fomentada pela Capes.

¹ Comerciante italiano que vai para o Sudão em 1878 trabalhar com a importação de goma arábica e, dois anos depois, se torna agente consular italiano em Cartum, lugar em que havia uma missão comboniana e uma escola católica.

² Revolução Islâmica que ocorreu no final do século XIX devido ao crescimento do processo de ocidentalização do Sudão ocorrido e a expansão do cristianismo, fruto das missões católicas, além da repressão militar ao tráfico de escravos. Esta situação criou condições para que diversos povos do Sudão se unissem em torno da figura de Muhammad Ahmad, que se intitulou Mahadi. Muhammad liderou um estado islâmico no Sudão.

³ Catecumento administrado pela ordem Filhas da Caridade Canossianas, ordem religiosa fundada por Madalena de Canossa em 1808.

A primeira hagiografia que aqui analiso tem o título de “*Bakhita: da escravidão à liberdade*”, publicada em 1993, um ano após a beatificação de Madre Josefina Bakhita e escrita por Maria Luísa Dagnino, religiosa da ordem das canossianas, mesma ordem à qual pertenceu Bakhita. Nada temos na capa ou no título do livro que faz alusão à beatificação; o que se anuncia é a trajetória da personagem que sai da escravidão e chega à liberdade.

Na apresentação, a autora questiona o porquê de tanto interesse no perfil biográfico de Madre Josefina Bakhita, afirmando que a terceira edição da hagiografia esgotou-se em um ano. Ela mesma responde, dizendo que é uma verdade apresentada com simplicidade, atribuindo ao fato de haver na hagiografia as próprias palavras de madre Josefina Bakhita que, segundo a hagiógrafa, “com palavras humildes e sinceras” ditou a outra religiosa, em 1910, um relato em que conta sua vida do momento que foi capturada até sua decisão de tornar-se religiosa, relato este que é reproduzido na edição. Ela também explica que antes de reproduzir o relato ditado por Madre Josefina, fará uma nota no que se refere à fonte histórica, com o objetivo de “preencher lacunas e eliminar divagações, a princípio supostas e depois repetidas por muitos biógrafos em mais de 20 idiomas.” (Dagnino, 1993: 7). Este relato ao qual Dagnino refere-se é base para todas as hagiografias de Santa Bakhita. Ele foi registrado por outra religiosa a pedido da Madre Superiora do convento da Ordem das Filhas da Caridade Canossianas em Schio.

A primeira parte da biografia contextualiza o Sudão, apresentando sua localização geográfica, composição étnica e religiosa. No texto, aponta-se como provavelmente teria sido a infância de Bakhita, inferindo a partir da infância de outras crianças das etnias que vivem no Sudão atualmente e não são adeptas do islamismo. Mostra-nos também alguns fatos históricos que teriam marcado a história daquele país.

A hagiógrafa dedica uma parte do livro à descrição do cristianismo no Sudão, apresentando ao leitor a anterioridade da religião católica em relação à islâmica, dizendo que desde o século VI havia, no Sudão, uma expansão missionária católica. Lamenta, porém, que essa expansão não continuasse devido à expansão do Islã na região. A autora termina essa parte fazendo a seguinte afirmação: “A Igreja aparentemente perde suas batalhas, mas vence a guerra” (Dagnino, 1995: 8). A frase refere-se ao que ela considera como a interferência do islamismo no desenvolvimento do catolicismo naquelas paragens.

Aqui vemos claramente que a autora vê a presença do islã no espaço que ela considera cristão como uma disputa que necessita ser travada entre as duas religiões. Segue relatando alguns momentos dessa disputa, destacando dois eventos importantes. Um seria a derrota, quando missionários franciscanos foram mortos por muçulmanos em 1899, e o outro uma vitória, que foi a ação do missionário Antonio Daniele Comboni que, mesmo morrendo, deixou como legado suas ideias de evangelização da África, na opinião da autora.

Antonio Daniele Comboni, Vigário Apóstólico da África Central, nasceu em 1831, em Limone Sul Garda e morreu em 1881 em Cartum. Foi o fundador de importantes institutos missionários e estudou estratégias para a ação missionária que pretendia iniciar no Sudão com o intuito de fazer uma experiência que pudesse servir como base para a evangelização dos africanos e inclusão da África na sociedade ocidental. Desenvolveu um plano para a evangelização que tentou encontrar uma metodologia apropriada para a catequização dos povos africanos. Para alcançar seus objetivos, D. Comboni, com o financiamento de várias potências europeias, comprou terras no sul do Sudão, região ainda não islamizada, e formou a colônia de Malbes, composta por africanos resgatados da escravidão ou cristianizados. Observando a estrutura das sociedades africanas, Comboni percebeu a importância das mulheres e deu destaque à evangelização feminina. Outro ponto importante em seu plano de “regeneração” foi a aproximação de pontos da cultura africana tradicional com o cristianismo, o que ele chamava de “regenerar a África pela África”.

O plano de evangelização desenvolvido por Comboni está no contexto da expansão colonialista europeia da segunda metade do século XIX. Nessa expansão, havia uma missão civilizadora que as potências aplicavam, baseadas em teorias raciais formuladas também naquele século, pelas quais a África seria um continente a ser civilizado.

Nem a hagiografia escrita por Dagnino, nem as outras aqui analisadas, afirmam que Daniele Comboni encontrou-se com Calixto Legnani, patrão de Bakhita, para aconselhá-lo a levar Bakhita para a Itália com ele. Mas as ideias do missionário estão presentes nessas hagiografias e, logicamente, presentes entre os católicos que viviam no Sudão.

Em todo livro, e não só na capa, temos a presença de imagens que fazem referência à arte africana e frases que tentam aproximar os valores oriundos das tradições africanas com os católicos. Como exemplo, a imagem de uma escultura em que uma mãe está joelhada

segurando no colo seu filho como o estivesse oferecendo a Deus, com uma legenda informando: a maternidade é um valor das culturas tradicionais africanas.

Além disso, a autora descreve a religião na qual Bakhita fora criada como animista, que para Dagnino seriam as religiões que cultuam seres orgânicos e inorgânicos, definidos por ela como “objetos sensíveis”, para a autora a religião animista entende que por detrás desses “objetos sensíveis” emanaria um poder com características humanas, mas que seria superior aos humanos. Destaca o respeito dedicado aos mais velhos e às crianças por estes estarem mais próximos dos mortos e conclui dizendo: “através desses laboriosos costumes chega-se, de alguma forma a ideia de um Ser supremo onipotente, onipresente, e sempre temível” (Dagnino, 1993: 22). A autora faz um esforço grande para mostrar que Bakhita, não nasceu cristã, mas que de alguma forma a ideia de um deus único e temido por todos sempre esteve presente em sua vida. Diz que Bakhita nunca teve a oportunidade de contatar o catolicismo até chegar à Europa, porém ressalta o fato de Bakhita, por mais que tenha vivido boa parte de sua vida em meio islâmico, nunca teve oportunidade de conhecer o Islã.

No capítulo “Testemunha de Cristo” a autora descreve a vida de Bakhita como religiosa e destaca várias declarações que recuperou em conversas com pessoas que conheceram a mãe. Essas declarações mostram a visão que a religiosa teria a respeito da vida na Igreja e na África. Em uma dessas conversas, a religiosa teria declarado: “Se soubésseis quantos africanos já seriam católicos se houvesse missionários e missionárias para dizer-lhes que Deus os ama, que Jesus Cristo morreu por eles...” (Dagnino, 1993: 90). Segundo a hagiógrafa, Bakhita endereçou essas palavras a um pai que reclamou por sua filha ter apresentado interesse em ser missionária na África; ele se dirigiu a Bakhita quando ela trabalhava como porteira no convento onde vivia. Várias outras declarações vão no mesmo sentido, mostrando o benefício que a ação missionária católica causou em sua vida e, dessa forma, poderia ser de valia também para os africanos.

A hagiografia “*Um canto de liberdade*”, também escrita Maria Luísa Dagnino, segue o padrão dos livros de bolso. A primeira edição deu-se em 2000, e nessa altura Madre Josefina Bakhita já era conhecida em vários lugares, como o Brasil, visto que nessa data o processo de canonização já havia sido concluído.

A apresentação mostra que o livro destina-se a uma leitura rápida. Essa hagiografia

não é diferente em termos de ideias e mensagens quando comparada à outra escrita por Dagnino. Também declara que é fiel aos fatos, à história e à cronologia, e afirma que o livro mostra a verdadeira identidade de Bakhita, cuja história de vida é narrada da seguinte forma: “A descrição das crueldades sofridas ergue-se como pedestal daquele dote que jamais se fez moda o perdão” (Dagnino, 2000:8).

Assim como na outra biografia, a autora apresenta uma nota para situar o leitor historicamente, mas expõe de forma mais clara o que considera ser o inusitado na vida de Madre Bakhita:

Como aconteceu que uma escrava capturada no centro da África, tenha chegado à fonte batismal em Veneza é à glória de S Pedro em Roma, é justamente o assunto desta história as experiências vividas pela jovem protagonista são tão profundas e surpreendentes a ponto de deixar o leitor, ora comovido ora confuso, mas sempre admirado dos desígnios de Deus” (Dagnino, 2000:9).

Se no texto anterior as imagens associam o cristianismo com a cultura africana, nesta edição às imagens tentam representar os fatos da vida de Bakhita, ressaltando principalmente as agressões sofridas por muçulmanos.

A hagiografia contém informações bem reduzidas e, como ressaltado anteriormente, se assemelha à outra escrita por Dagnino. No entanto, vemos um discurso que não faz uma associação direta entre Bakhita e o continente africano como a outra hagiografia pleiteia, já que essa hagiografia foi escrita no contexto em o Papa João Paulo II já havia anunciado a canonização de Madre Josefina Bakhita, cujo o milagre teria ocorrido no Brasil. A religiosa recebera, no dia de sua canonização, o título de Irmã Universal. Agora, não se tratava mais de uma beata sudanesa, mas de uma santa sudanesa cujo milagre ocorrera no Brasil, país que recebeu muitos africanos que, como Bakhita, foram escravizados. Bakhita, portanto, não era mais apenas um exemplo para as mulheres africanas, mas para todo o mundo, e se tornou um modelo de vida para o novo milênio, como declaram sempre seus hagiógrafos.

Essa associação entre a vida de Madre Josefina Bakhita e a vida dos negros e de todas as pessoas de um modo geral está presente de forma mais sistematizada na hagiografia escrita por Roberto Zanini, “*Bakhita: mulher negra, escrava, santa - Uma fascinante história de liberdade*”. Ele apresenta um título repleto de adjetivos que enumeram as características da

protagonista da história. A sequência escolhida mostra que a trajetória de santidade segue o percurso improvável exposto nas hagiografias escritas por Dagnino, a saber: como uma mulher negra africana se tornou santa?

Essa edição pretende ser mais completa e mais correta que as anteriores e assume uma postura mais acadêmica, ao trazer muitas notas de rodapés, referências a documentos e aos arquivos consultados. Não é somente uma narração de fatos comentados.

Em 1993, quando da publicação de Dagnino, não havia menção alguma sobre o Brasil. Na hagiografia escrita por Zanini há uma apresentação exclusiva à edição brasileira. Além disso, temos outras menções a respeito de como tem se desenvolvido o culto a Santa Bakhita no Brasil. Isto porque o milagre que concedeu à religiosa o título de santa ocorreu no Brasil, na cidade de Santos, dias após a sua beatificação.

Segundo as hagiografias o evento ocorreu em 1992, na diocese de Santos, mesmo ano em que a religiosa fora beatificada. O milagre atribuído a Bakhita foi recebido por Eva Onishi, nascida em 1931, em Iguape, como Eva da Costa, foi casada com Yoziro Onishi, com quem teve quatro filhos. Em 1976 ela recebeu o diagnóstico de diabetes melito. Eva não se tratou por falta de tempo e dinheiro e, com isso, a doença se agravou. Em 1991 o médico indicou a Eva Onishi a amputação de uma perna devido a sinais de gangrena, mas ela resolveu continuar o tratamento prescrito pelo médico, mesmo assim não obteve melhora.

Em 24 de abril de 1992, recebeu a visita de madre Regina dos Santos, da comunidade canossiana de Santos, que visitava os doentes que frequentavam a igreja Nossa Senhora do Rosário – Catedral de Santos. Ao observar o estado de saúde de Eva, madre Regina sugeriu que a enferma frequentasse o grupo de oração organizado em homenagem a beatificação de Santa Joasefina Bakhita. Eva seguiu a sugestão da madre e foi aos encontros do grupo de oração. Em um deles, madre Regina teria lido o trecho da vida de Bakhita em que a religiosa sofre tortura quando ainda era escrava. Ao ouvir este trecho, Eva pediu para que Santa Bakhita a curasse da enfermidade nas pernas. Este fato ocorreu no dia 27 de maio.

No dia 3 de junho, Eva volta à novena e diante de cerca de 80 pessoas e da conselheira geral das canossianas Maria Luísa Leggeri, que no momento falava com entusiasmo sobre Bakhita, resolve contar a sua história e mostrar as suas pernas curadas.

José Carlos Nascimento apresenta o livro, explicando o significado da canonização de

Madre Josefina Bakhita para o Brasil, para Santos e logicamente, para ele. Nascimento apresenta a obra de Zanini como “mais uma fonte e oportunidade de reflexão sobre a santa considerada por João Paulo II um modelo neste milênio recém, iniciado” (Zanini, 2002: 9). José Nascimento também se apresenta, objetivando justificar a autoridade de ser o autor da apresentação: ele não é religioso, mas ressalta seu envolvimento com o trabalho das Irmãs da Ordem das Filhas da Caridade Canossianas, revela também sua identidade étnica, auto declarando-se negro e afirmando que ainda hoje a população negra sofre as consequências da escravidão e preconceito. Neste ponto da apresentação, o autor mostra os aspectos que o fazem se identificar com Madre Josefina Bakhita: ela foi negra e escrava. Para Nascimento, pouco importa se Bakhita foi escrava no Brasil, no Sudão ou na Itália. Os rótulos de escrava e negra fazem com que ele se identifique com a religiosa. Ele destaca a virtude mais importante de Madre Josefina Bakhita:

“No entanto, devemos destacar a valiosa virtude e o exemplo de Bakhita, que, em nenhuma ocasião demonstra sentimento de vingança, revanchismo ou rancor contra os “brancos” que tanto a maltrataram e desprezaram, esquecendo que qualquer humano, independente de sua raça, cor, credo religioso, origem, social, etc, e digno e merece tratamento digno” (Zanini, 2002: 38).

Este trecho que revela o comportamento que Nascimento admira em Bakhita se alinha à ideia de exemplo cristão que ele mesmo ressaltou no início do texto, quando faz questão de mencionar que o papa considerou a vida de Bakhita como exemplar para o novo milênio.

Se analisássemos este texto publicado em outro lugar ficaria difícil fazer as afirmações que se aventaram aqui. No entanto, o lugar dele é em uma hagiografia escrita sob encomenda do Instituto Canossiano, e isso nos dá respaldo e condições de relacioná-lo com o que a Igreja pretende que se entenda com a vida exemplar de Bakhita.

O perdão de Bakhita para com seus escravizadores é o ponto central nesta hagiografia, que é muito mais detalhada que as anteriores e avança no objetivo de tentar mostrar e contextualizar a vida da religiosa, recorrendo a fontes históricas para comprovar os passos percorridos por Bakhita no Sudão e na Itália. Diferente da hagiografia escrita por Dagnino, não vemos no texto uma afirmação que demonstre a disputa entre catolicismo e islamismo naquela região da África; porém, à crítica aos valores árabes e islâmicos se faz presente de modo mais difuso na narrativa de sua trajetória como escrava, por exemplo, quando Zanini

explica a escravidão vivida por Madre Josefina Bakhita.

Zanini divide a escravidão no continente africano em dois momentos: ontem e hoje. Desde o século XVII a África foi grande fornecedora de escravos para a América e Oriente Médio. Deste ponto, ele parte para a século XIX, mostrando como foi o processo da abolição da escravidão nas Américas, apresentando a contradição de que esses governos proibiram o tráfico de escravos, mas ao mesmo tempo formulavam estratégias para a manutenção de prática escravista. Zanini aponta a contradição principalmente na Inglaterra e na França. Estados Unidos, Portugal e Espanha quase não aparecem e quando Portugal é citado, o é apenas em uma nota de rodapé, como uma das nações que mais enviaram escravos ao Brasil (*sic*). O autor não faz nenhuma referência ao papel da Igreja no processo de colonização das Américas e relaciona o advento da escravidão ao interesse dos comerciantes.

A escravidão no Ocidente seria o contexto da escravidão de ontem, do passado. A escravidão de hoje, do tempo contemporâneo, seria a que Bakhita experimentou:

“Passados cento e trinta anos, no início de mais um novo milênio, a história de Bakhita continua absolutamente atual. Naquelas regiões, a captura de negros africanos não-muçulmanos (sobretudo jovens mulheres e crianças) prosseguiu com altos e baixos por todo o século XX por obra de tribos islâmicas africanas e de vários exércitos regulares” (Zanini, 2002: 40).

A escravidão a que ele relaciona Bakhita está inserida no mundo árabe e também na religião muçulmana. Diferentemente da descrição sobre a escravidão ocidental, Zanini não inclui interesses comerciais como fator explicativo da escravidão no Sudão. Não questiona o fato de Bakhita ter ido para a Itália também na condição de escrava e ter sido tratada como tal por seus patrões até conseguir permanecer no convento, talvez como estratégia de salvação da condição de escravidão doméstica que vivia com seus patrões, o casal Michieli.

Nenhum dos dois autores, Danigno e Zanini, explica qual era esse governo islâmico ou como era o islamismo vivenciado no período. Também não apresentam dados que comprovem ser a escravidão comum até o século XX, criando dessa forma a ideia de que o Islã como um todo foi responsável pela escravidão de Bakhita.

A escravidão no Sudão se desenvolveu dentro de um contexto que faz parte daquela região: dominação egípcia. O Sudão era considerado pelo Egito um território fornecedor de mão de obra escrava para as lavouras; além disso, muitos escravos recrutados no Sudão,

durante os séculos XIII até o final do século XVIII, eram enviados para o Cairo para serem mamelucos, escravos preparados para se tornarem guerreiros profissionais. O Império Otomano, dominando o Sudão no início do século XIX, manteve essa forma de recrutamento militar, além de recrutar escravos para fazerem parte da administração do império e escravizarem mulheres para servirem de concubinas dos sultões abastados. Essa estrutura escravista se tornou cada vez mais complexa devido ao desenvolvimento do comércio, sobretudo o de marfim, que demandava uma grande quantidade de escravos para trabalharem no transporte e estocagem que se realizava em fortificações chamadas *dems e zeribas*.

Essa estrutura escravista atraiu comerciantes europeus. Alguns envolveram-se no tráfico atlântico, tornado uma substancial fonte de riquezas. A atividade escravista e comercial foi abalada pela intromissão militar e política inglesa, que pressionou o Império Otomano a abolir a escravidão em suas possessões. No entanto, apesar dos ataques desferidos pelas patrulhas europeias aos traficantes, estes continuaram com o poder cada vez mais forte, porque puderam contar com a colaboração e a conivência das autoridades egípcias, já que o controle da atividade traficante estava nas mãos dos mercadores sudaneses e egípcios.

O apoio que Danielle Comboni recebeu para desenvolver seu plano missionário está nesse contexto, no interior do qual a escravidão atrapalhava o interesse das potências colonialistas europeias e também seu plano evangelizador, pois o movimento populacional causado pela escravização inviabilizava a exploração da mão de obra e a constituição de uma comunidade religiosa cristã na África, objetivo do missionário. A campanha abolicionista acusava o Islã como sendo o causador da escravidão no Sudão por entenderem que a religião islâmica era favorável à escravidão.

A escravidão no Sudão de fato tem uma relação com os povos árabes adeptos do islamismo. No entanto, quando o autor se refere à escravidão ocorrida na América, nada cita do envolvimento da Igreja Católica neste fato histórico. O pouco que fala mostra como algo do passado que não mais ocorre, no limite, coloca a Igreja como vítima dos interesses comerciais dos europeus e reafirma sempre a importância da Igreja no resgate de Madre Josefina Bakhita.

A oposição entre o catolicismo e o islamismo fica bem evidente na última hagiografia analisada: “*Bakhita: a escrava que encontrou Cristo*”. Trata-se de uma história em

quadrinhos: aqui, dois gêneros textuais se fundem para construir uma hagiografia direcionada aos jovens. A história começa quando um professor em uma sala de aula italiana pede para um dos alunos lerem a reportagem de um jornal francês na qual duas crianças sudanesas são escravizadas por árabes do norte do país e, posteriormente, compradas por um homem ocidental que as devolve para a família.

A partir daí, o professor conversa com os alunos dizendo que a irmã proclamada Santa em 2000 também era uma escrava sudanesa. A partir deste ponto, a história de Madre Josefina Bakhita é narrada, com imagens e diálogos que ressaltam principalmente a ação dos povos islamizados que ocupam a parte norte do Sudão como sendo a causa do sofrimento de Bakhita.

Mais que as outras hagiografias, a oposição entre catolicismo e islamismo é frisada nesta história em quadrinhos, uma hagiografia que lançou mão de outra linguagem discursiva para ser lida por outro público.

As hagiografias são escritas sob paradigmas rígidos que, se foram modificados, fazem o santo deixar de ter santidade. Por elas, precisa ser provado em sua vida que ele é predestinado ao seu fim. Logicamente, cada santo tem seu significado, mas o que podemos apreender das hagiografias de Bakhita é que as ideias de Comboni de criar um plano específico para a conversão de africanos não ficou para trás e ecoa nestes textos, sobretudo através da frase atribuída a Bakhita:

“Se eu encontrasse os negreiros que me raptaram e também aquelas pessoas que me torturaram, eu me ajoelharia para beijar-lhes a mão, porque se não tivesse acontecido tudo isso, eu não seria hoje cristã e religiosa.”(Dagnino, 2000: 67)

Todas as hagiografias aqui referidas não apresentam grandes diferenças quanto à imagem que pretendem construir da religiosa Bakhita. Diferem, apenas, em relação ao público ao qual se destinam. As hagiografias contribuem juntas para mostrarem uma religiosa que foi salva de uma vida de escravidão, o que não ocorreria caso não tivesse sido levada para a Itália.

A frase citada acima, destacada em todas as hagiografias, é o que move a construção destas narrativas hagiográficas. Por ser tão repetida, interpretada e reinterpretada, é a chave

para entendermos o que a Igreja quer dizer com exemplo para a vida daqueles que se inspiram em Bakhita.

Em 1992, Bakhita foi beatificada e, nesse ano, o papa João Paulo II visitou Cartum e declarou:

“Caros catequistas: eu tenho grande confiança em vocês. Eu tenho grande orgulho de vocês, eu estou tomado pelo conforto. Vocês são o centro da comunidade local, frequentemente organizados em pequenas comunidades cristãs. É sua tarefa falar as palavras de Deus em uma língua que esteja tão próxima quanto possível das necessidades e experiências dos seus irmãos e irmãs. Através das suas palavras e ações Cristo aproxima-se das lutas diárias de seu povo. De fato, através de vocês na extensão de que vocês assimilam a mensagem do evangelho, Cristo se torna verdadeiramente sudanês. Que o exemplo da beata Bakhita, que nunca perdeu a confiança e esperança não importando quão difícil as condições de sua vida, inspire vocês com amor e misericórdia compaixão a todos”(João Paulo II, Papa,1997:33)

Neste trecho da homilia de João Paulo II, diante de cristãos e autoridades do Sudão, apresenta-se o significado da vida de Josefina Bakhita para a Igreja. Aqui, o papa utiliza-se dela como um exemplo a ser seguido por todos os sudaneses e cristãos, inspirando-os a não perderem a fé e a acreditarem nos preceitos da Igreja Católica.

Em toda a homilia, João Paulo II prega a convivência e a tolerância entre os sudaneses de todas as religiões, mas apela para que surja uma identidade cristã cada vez mais forte entre os cristãos sudaneses.

A oração de Madre Josefina Bakhita escrita em português, formulada por Dom David Picão, bispo de Diocese de Santos quando houve a canonização da religiosa, orienta seus devotos a praticarem as seguintes virtudes: fé, esperança, caridade, humildade, castidade, fraternidade e obediência. Estas palavras sintetizam o que as hagiografias constroem como as principais virtudes de Santa Josefina Bakhita e, por conseguinte, as virtudes que seus devotos teriam ao menos de admirar.

Santa Josefina Bakhita não tem apenas devotos africanos ou negros. Seus devotos são de todas as etnias, classes sociais e continentes, haja vista que as publicações das hagiografias estão em várias línguas. No entanto, o discurso que a Igreja tem construído em torno de Santa Josefina Bakhita, mais do que estimular um comportamento subalterno em seus devotos, mostra o que se espera da formação de uma religiosa negra.

Fontes

LAURITA, Roberto. **Bakhita: La chiava Che incontrò Cristo**. Roma: Figlie della Carità Canossiane, 2000. Trad. MARINGOLO, Cecília. **Bakhita: a escrava que encontrou Cristo**. Roma: Figlie della Carità Canossiane, 2000.

DAGNINO, Maria Luísa. **BAKHITA: racconta la sua storia**. Roma: Città Nuova, 1993. Trad. MARÍGOLO, Cecília. **Bakhita: da escravidão à liberdade**. 2º edição, São Paulo: Loyola, 2000.

_____. **Bakhita : um canto de liberta**. Trad. MARINGOLO, Cecília. **Um canto de liberdade**. Verona: Figlie della Carità Canossiane, 2000.

POPE JOHN PAUL II. Address of the holly father to priests, religious, seminarians and catechists. In: *Pastoral visit to the Sudan*. Khartoum, 1997, p. 33.

ZANINI, Roberto. **Bakhita: inchiesta su uma santa per il 2000**. Trad. Thereza Cristina Stummer. **Mulher negra, escrava, santa: uma fascinante história de liberdade**. Vargem Grande Paulista-SP: Cidade Nova, 2002.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. A Autobiografia e a biografia In: **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4º edição, São Paulo: Martins fontes 2003. p.138-152.

_____. A hagiografia. In: **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4º edição, São Paulo: Martins fontes 2003. p. 169-171

CHARTIER, Roger, ROCHE, Daniel. Livro: uma mudança de perspectiva. In: LEGOFF, Jaques. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p.99-115.

CRUZ, Heloísa F., PEIXOTO, Maria do Rosário. “Na oficina do Historiador: conversa sobre a imprensa”. In: **Projeto História**, nº 35, São Paulo: PUC/SP, dezembro, 2007. p. 253-270.

DARNTON, Robert. “O que é a História do Livro? In: **ArtCultura: Revista de História, Cultura e Arte**. V.10,n.16. Uberlândia: UFU, jan – jun, 2008. p. 155-169.

DARNTON, Robert. “Jornalismo: toda notícia que couber, a gente publica”. In: DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette**. Mídia, cultura e revolução. São Paulo: Cia das Letras, 1990. p.76-109.

DOSSE, François. A inserção na intriga biográfica. In: **A história**. Trad. Roberto Ferreira Leal. São Paulo: Ed. Unesp, 2012. p.137-143

_____. **O desafio Biográfico: escrever uma vida**. Trad. Gílson César Souza

Cardoso, São Paulo: Edusp, 2000.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas. A experiência da microanálise.** Rio de Janeiro: Ed. G. V. 1998. p. 225-249.

SANTOS, Patrícia Teixeira. **Dom Comboni: profeta da África e santo no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad, 2000.

_____. **Santas e dóceis ou insubmissas e desgraçadas? Uma análise de trajetórias de mulheres resgatadas da escravidão na África central no contexto colonial (1870-1945).** In: Revista de História 155 145-160.2º - 2006.

WILLIAMS, Raimond. A Imprensa e acultura popular: uma perspectiva histórica. In: **Projeto História**, nº 35, São Paulo: PUC/SP, dezembro, 2007, p.15-25.